Ciências Sociais Unisinos
43(1):103-105, janeiro/abril 2007
@ 2007 by Unisinos

Entrevista

Mundialização, modernidade, pós-modernidade
Entrevista com Renato Ortiz

Globalization, modernity, post-modernity
An interview with Renato Ortiz

Samira Feldman Marzochi[1]
marzochi@gmail.com

O professor Renato Ortiz[2] (IFCH-Unicamp), dedicado em todos os seus livros ao problema da cultura em âmbito nacional ou mundial a partir das Ciências Sociais, contribui para a reflexão sobre o uso e a pertinência dos conceitos *modernidade*, *pós-modernidade* e *mundialização*. Quais são, afinal, suas especificidades, o que trazem de novo, qual o potencial crítico, compreensivo ou explicativo destes conceitos são questões que atravessam a entrevista concedida especialmente a este número da revista *Ciências Sociais* da Unisinos.

Tomar um autor brasileiro como referência para pensar a *modernidade*, a *pós-modernidade*, a *mundialização* não significa meramente uma escolha política contra-hegemônica ou a valorização nacionalista do que é produzido "aqui". Revela-se, sobretudo, uma aposta na riqueza de interpretações que diferentes experiências intelectuais possam produzir sem que nos aprisionemos, ao mesmo tempo, às "origens" nacionais ou locais das idéias.

Sociólogo internacionalmente respeitado, Renato Ortiz se constrói como exemplo de independência e coragem intelectual a ser seguido pelos novos ingressantes nas Ciências Sociais. Enquanto normalmente se espera que brasileiros levem à discussão dados empíricos sobre a realidade nacional ou simplesmente apliquem nela modelos já prontos, ele discute do plano teórico, e com propriedade, a *mundialização,* após ter investigado o uso dos conceitos *modernidade* e *pós-modernidade* e suas implicações para a compreensão da sociedade contemporânea. Neste sentido, a entrevista se torna tão instigante ao pensamento rigoroso quanto um estímulo à "liberdade da

[1] Doutoranda em Sociologia pelo IFCH-Unicamp.
[2] Autor de *A consciência fragmentada* (Paz e Terra, 1980), *A morte branca do feiticeiro negro* (Brasiliense, 1988), *A moderna tradição brasileira* (Brasiliense, 1988), *Cultura e modernidade* (Brasiliense, 1991), *Mundialização e cultura* (Brasiliense, 1994), *Românticos e folcloristas* (Olho D'Água, 1994), *Um outro território* (Olho D'Água, 1997), *O próximo e o distante* (Brasiliense, 2000), *Mundialização, saberes e crenças* (Brasiliense, 2006), entre outros.

imaginação sociológica", e mais a dizer jamais substituiria (como ele próprio ensina) as palavras do autor.

Samira Feldman Marzochi,
Campinas, 16 de fevereiro de 2007

Samira F. Marzochi: *Depois de* Cultura e modernidade *(Ed. Brasiliense, 1991, 282 p.), livro que define com precisão e conteúdo histórico a matriz da modernidade sociológica, você escreve* Mundialização e cultura *(Ed. Brasiliense, 1994, 234 p.). Por que abandonou o conceito* modernidade *como tradutor da contemporaneidade e adotou o termo mundialização? Esta troca corresponde a uma verdadeira transição histórica da modernidade à mundialização ou à preocupação com o rigor conceitual?*

Renato Ortiz: *Cultura e modernidade* fazia parte do mesmo projeto de minha reflexão sobre a mundialização da cultura. Somente inverti a ordem histórica das coisas. Comecei pelo passado recente ao invés de considerar as transformações atuais. Minha intenção era fazer uma espécie de "arqueologia" de temas que, no século XX, tornam-se decisivos. Neste sentido, os dois livros são distintos, mas interligados (pelo menos na mente do autor). Mas você está correta ao observar que o termo *modernidade*, no segundo livro, deixa de ser estruturante na minha compreensão do mundo contemporâneo. Por quê? Claro, há o elemento da mudança, que é inegável, mas não se pode esquecer que o tema da modernidade, mesmo quando não tratava explicitamente assim das coisas, vinculava-se ao da nação. Pode-se exprimir isso através de uma tautologia significativa (nem sempre a tautologia é apenas tautológica): a *modernidade* se realiza através da nação, e a nação implica a emergência da *modernidade*. Ora, a noção de nação, na situação de globalização, altera-se substancialmente. A questão não é tanto pensar se a *modernidade* se esgotou, mas como ela se redefine como *modernidade-mundo*. Ou seja, suas fronteiras extrapolaram os limites nacionais.

S.F.M.: *Por que não utiliza em seus trabalhos o termo* pós-modernidade*?*

R.O.: O debate sobre a *pós-modernidade* possui algumas virtudes, mas inúmeros problemas. Sempre procurei aproximar-me das virtudes e afastar-me dos mal-entendidos. Talvez o maior deles seja o termo "pós". Ele divide a história entre um antes e um depois, da mesma forma que os modernos estabeleciam a oposição entre *tradição* e *modernidade*. Esta visão histórica termina por alimentar uma série de dualismos nas análises das Ciências Sociais: *moderno/pós-moderno*; *moderno/tradicional*; *global/local* etc. Além disso, o próprio debate está demasiadamente marcado por posições políticas, opções estéticas, indeterminações teóricas que mais confundem do que esclarecem. Por isso, quando comecei a trabalhar a problemática da mundialização, ao me aproximar do tema (escrevi inclusive um pequeno ensaio sobre a *pós-modernidade* na arquitetura), terminei por abandoná-lo. Na época, fim dos 80, intuitivamente imaginei que ele não era promissor, tomei outro rumo. Posso hoje dizer com certeza que tive uma boa inspiração, pois a discussão sobre a globalização, apesar dos problemas, vingou, enquanto que a *pós-modernidade* cada vez mais se torna um tema datado e, ao que parece, seu destino é o esquecimento.

S.F.M.: *Que aspectos atribuídos à* pós-modernidade *são incompatíveis com aqueles que caracterizam a* mundialização*? Que aspectos seriam coincidentes?*

R.O.: O debate sobre a *pós-modernidade* tem pontos em comum e diversos em relação à globalização. Mais ainda, são discussões que se fazem na mesma época, nos anos 80, mas em domínios diferentes. Porém, elas não se cruzam, embora partilhem o mesmo ambiente intelectual. Ambas tematizam a mudança, embora de maneira distinta, e querem compreendê-la a partir de uma revisão dos conceitos existentes. Existem, porém, diferenças substantivas. O debate sobre a *pós-modernidade* encerra uma dimensão filosófica: o "fim" da razão, dos grandes relatos, o declínio do universal. A problemática da globalização econômica e tecnológica, assim como da mundialização da cultura, é marcada por uma perspectiva mais sociológica. Interessa menos discutir a validade, ou não, da razão (vista como ocidental), e muito mais compreender as novas formas de organização da vida social no mundo contemporâneo. Há ainda um aspecto que as separa: a *pós-modernidade* valoriza as diferenças, e sua perspectiva tende a contrapor o particular (as identidades) ao todo. A temática da globalização tem uma visão transnacional; não são tanto as diferenças que contam, mas sua "integração" ou organização numa totalidade que transcende os mundos particulares. De alguma maneira, o declínio do debate sobre a *pós-modernidade* tem a ver com isso. Sua visão dificilmente poderia apreender os problemas contemporâneos em escala transnacional. Problemas ecológicos, guerras, fragilidade do Estado-nação, economia financeira, culturas mundializadas, são temas que escapam aos postulados pós-modernos.

S.F.M.: *Em* Sobre a modernidade *(Ed. Paz e Terra, 1996 – original de 1863), Baudelaire percebe o espírito urbano de sua época de forma muito semelhante ao modo como se compreende a fragmentação do sujeito pós-moderno, a ponto de podermos comparar este livro com a canção* Eu sou neguinha? *de Caetano Veloso. Seria um equívoco crer que a modernidade de Baudelaire foi superada?*

R.O.: Eu tenho uma certa dificuldade com o termo "superação". Ele nos dá a impressão de que algo teria se esgotado definitivamente. Creio que poucos fenômenos sociais se encaixam nesta categoria. A história não é apenas o sepultamento dos tempos passados, mas, muitas vezes, a redefinição de alguns aspectos, ou sua combinação com o novo que emerge. Neste sentido, se tivesse que utilizar o termo *pós-modernidade*, eu diria: não

103a105_ENTR_RenatoOrtiz.pmd 104 8/5/2007, 23:44

que a *modernidade* foi superada, mas que esta *pós-modernidade* se constrói sobre a tradição da *modernidade*. A tradição é o solo no qual se enraiza a mudança. Lyotard, depois de receber várias críticas a respeito de sua tese sobre a *pós-modernidade*, escreveu um ensaio no qual dizia que a *modernidade* já estaria prenhe de *pós-modernidade*. Ou seja, podemos detectar um conjunto de transformações no século industrial, o XIX, nas quais certos elementos permanecem inclusive ainda hoje. O tema do sujeito é um deles. As variações pós-modernas em torno dele são variações, não a expressão de algo "radicalmente novo". Muito do que Baudelaire escreveu nos ilumina sobre nossos tempos; muito do que ele escreveu é também datado.

S.F.M.: *Por que a França para pensar a* modernidade *e não, por exemplo, a Inglaterra?*

R.O.: A escolha foi arbitrária, em termos, é claro. Poderia ter sido a Inglaterra. Mas como minha preocupação era considerar a *modernidade* nos seus aspectos material e cultural, a idéia de um lugar heurístico pareceu-me interessante. Neste caso, não apenas Paris (a capital do século XIX), mas o país como um todo fornecia um conjunto de elementos para isso. Houve também um lado subjetivo na escolha. Durante os anos 80, eu me voltei para os Estados Unidos. Pensava que seria importante completar minha formação intelectual, diversificando-a. Morei em New York, em Indiana, e comecei a pesquisar para alguns de meus livros nas bibliotecas americanas (sobretudo sobre o tema das indústrias culturais). Após um tempo, com a constituição da Comunidade Européia, pareceu-me propício retornar à França, agora, já não mais com um tema brasileiro (minha tese de doutorado com Bastide), mas com uma problemática mais abrangente.

S.F.M.: *Enquanto a* modernidade *pode estar circunscrita a um território e possuir um centro, a* mundialização *não está presa a nenhum território e não possui um centro? A mesma relação dos dois conceitos com o espaço vale para a noção de tempo?*

R.O.: Penso que sim, embora em meus escritos eu tenha privilegiado a noção de *espaço* em detrimento da categoria *tempo*. Creio, entretanto, que uma das formas de se pensar as mudanças no mundo contemporâneo seja através dos conceitos de *espaço* e *tempo*. Como eles são categorias sociais, constituem bons objetos heurísticos para se apreender as transformações recentes. Quanto à noção de centralidade, não me parece que ela se aplique aos tempos atuais da globalização. Paris podia ser pensada como a capital do século XIX, ela era uma espécie de miniatura condensada da *modernidade*. Seria difícil dizer isso nos dias de hoje, não há uma capital do século XXI. Para encontrá-la, seria necessário montá-la com peças provenientes de lugares distintos; um pedaço de Nova York, outro de Tóquio; uma pitada de imigração "não ocidental" (árabe ou africana); o capitalismo financeiro; a desterritorialização dos alimentos etc. Não há um núcleo, mas uma linha de forças que delimita determinados espaços em relação a outros. O processo de mundialização é, neste sentido, um todo que se realiza nas partes. Sem elas, o próprio processo perderia sua densidade histórica, mas, com elas, tampouco se poderia circunscrevê-la num único centro.

S.F.M.: *A* mundialização *permitiria a conciliação entre aspectos atribuídos à* modernidade *e à* pós-modernidade*?*

R.O.: A *modernidade* foi pensada em termos profundamente eurocêntricos. Por isso foi possível erigir uma sociologia da modernização que dividia as sociedades em desenvolvidas e atrasadas. Havia, portanto, uma concepção clara de tempo, na qual a idéia de progresso trabalharia no sentido de promover a superação do atraso inicial de alguns povos. Existe, talvez, um traço que aproxima o debate da *pós-modernidade* ao da *globalização*. Uma certa historicidade da idéia de "universal". Ela deixa de ser um ideal "para todos" e vê-se obrigada a ser considerada no domínio das forças vivas da sociedade. A discussão sobre a diversidade revela bem este aspecto. No mundo globalizado, os atores secundários, malgrado suas posições subalternas, são também agentes (de conservação ou transformação) no contexto de uma ordem que transcende as nações. No final do XIX, era simples falar-se em universal, pois a posição de quem enunciava o discurso estava, de antemão, garantida. Atualmente, diante da diversidade de interesses, dos conflitos, da imigração de populações étnicas diferenciadas, torna-se quase impossível (e eu acrescentaria, pouco desejável) retornar ao passado. Neste sentido, a *pós-modernidade* e a *globalização* se cruzam. Sem o saber, talvez, mas ambas as dimensões nutrem o debate contemporâneo de outra maneira.

S.F.M.: *Acredita que nossa contemporaneidade mundial (e não apenas a brasileira ou latino-americana) possa ser definida por sociólogos não exclusivamente europeus ou americanos?*

R.O.: Tenho me esforçado para isso. Creio que no mundo acadêmico há um conformismo excessivo em relação à hierarquia internacional do trabalho intelectual. Certo, não podemos dela escapar, mas nossa condição já não é mais a mesma das gerações anteriores. O processo da mundialização nos envolve a todos (embora de maneira distinta). Não vejo por que não pensá-lo a partir de outros lugares, diferentes do que denominávamos "centro" (França, Alemanha, Estados Unidos, Inglaterra). Por um bom tempo, convivemos com a idéia de que a "teoria" se fazia "lá fora", e o estudo do material empírico, a aplicação dos conceitos, se restringia às fronteiras nacionais. Pelo menos o mundo contemporâneo tem isso de interessante. Os conceitos de "fora" e "dentro" se transformaram. Cabe a nós exercer a liberdade da imaginação sociológica.

103a105_ENTR_RenatoOrtiz.pmd 105 8/5/2007, 23:44